

A CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM CRISTÃO – ALIÓCHA DE “OS IRMÃOS KARAMÁZOV” (SEGUNDA PARTE)

Aloísio de Sales Goes

Advogado e escritor, bacharel em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru (Caxias – MA).
Autor do livro “O Prefácio” e coautor do livro “Pessach”.
Email: empreendedordeprojetos@gmail.com

Resumo: “Os irmãos Karamázov” tornou-se de maneira incontestável um dos maiores clássicos da literatura mundial. Sem dúvidas, o livro figura como uma das principais obras do autor russo “Fiodor M Dostoievski”. A obra conta a estória da complexa família “Karamázov”, em especial a relação conturbada entre o pai Fiódor Pávlovitch e seus filhos: Dimítiri, Ivã e Alieksiéi. A primeira parte desse trabalho verificou se o autor obedeceu - “na construção do personagem” - a inclusão de elementos mínimos atinentes à vida de um “Cristão” como o: chamado e combate. Nessa segunda parte serão abordados os elementos discernimento e alegria.

Palavras-chave: Dostoievski. Personagem. Discernimento. Alegria.

Abstract: “The Karamazov Brothers” has undoubtedly become one of the greatest classics in world literature. Undoubtedly, the book appears as one of the main works of the Russian author “Fyodor M Dostoevsky”. The work tells the story of the complex “Karamazov” family, especially the troubled relationship between father Fiódor Pávlovitch and his sons: Dimítiri, Ivã and Alieksiéi. The first part of this work checked if the author obeyed - “in the construction of the character” - the inclusion of minimum elements related to the life of a “Christian” like: call and combat. In this second part, the elements of discernment and joy will be addressed.

Keywords: Dostoevsky. Character. Discernment. Joy.

Resumen: “Los hermanos Karamázov” se ha convertido sin duda alguna en uno de los grandes clásicos de la literatura mundial. Sin duda, el libro aparece como una de las principales obras del autor ruso “Fiódor M Dostoyevski”. La obra cuenta la historia de la compleja familia “Karamázov”, especialmente la convulsa relación entre el padre Fiódor Pávlovitch y sus hijos: Dimítiri, Ivã y Alieksiéi. La primera parte de este trabajo comprobó si el autor obedecía - “en la construcción del personaje” - la inclusión de elementos mínimos relacionados con la vida de un “cristiano” como: llamada y combate. En esta segunda parte se abordarán los elementos de discernimiento y alegría.

Palabras clave: Dostoyevski. Personaje. Discernimiento. Alegria.

Sommario: “I fratelli Karamazov” è senza dubbio diventato uno dei più grandi classici della letteratura mondiale. Indubbiamente, il libro appare come una delle opere principali dell'autore russo “Fiodor M Dostoevskij”. L'opera racconta la storia della complessa famiglia “Karamazov”, in particolare il rapporto travagliato tra padre Fiódor Pávlovitch e i suoi figli: Dimítiri, Ivã e Alieksiéi. La prima parte di questo lavoro verificava se l'autore obbedisse - “nella costruzione del personaggio” - all'inserimento di elementi minimi legati alla vita di un “cristiano” come: chiamata e combattimento. In questa seconda parte verranno affrontati gli elementi di

discernimento e gioia.

Parole chiave: Dostoevskij. Personaggio. Discernimento. Gioia.

Résumé: «Les Frères Karamazov» sont sans aucun doute devenus l'un des plus grands classiques de la littérature mondiale. Sans aucun doute, le livre apparaît comme l'une des œuvres principales de l'auteur russe «Fiodor M Dostoïevski». L'œuvre raconte l'histoire de la famille complexe «Karamazov», en

particulier la relation troublée entre le père Fiódor Pávlovitch et ses fils: Dimitri, Ivã et Alieksiéi. La première partie de cet ouvrage vérifie si l'auteur a obéi - «dans la construction du personnage» - à l'inclusion d'éléments minimaux liés à la vie d'un «chrétien» comme: l'appel et le combat. Dans cette seconde partie, les éléments de discernement et de joie seront abordés.

Mots-clés: Dostoïevski. Personnage. Discernement. Joie.

1. INTRODUÇÃO

A primeira parte desse trabalho verificou os dois primeiros elementos (chamado e combate) necessários para uma fidedigna construção de um “Personagem Cristão”. Observou-se em fragmentos pontuais que ao mesmo tempo em que Dostoievski esbanja atenção e carinho pela confecção do perfil psicológico e espiritual de Aliócha. Tem-se também a parcimônia necessária para não torná-lo detentor de um heroísmo exacerbado e desnecessário com sério risco de macular a obra.

2. DISCERNIMENTO

2.1 ETIMOLOGIA E CONCEITO

A palavra discernir vem do latim “discernere”, ou seja: “separar, dividir, distribuir, colocar de lado, distinguir, perceber”, formado por “dis”-, “para fora”, mais “cernere”, “peneirar, distinguir, separar”.

A forma substantiva responde ao verbo, conjugando-se com o sufixo – “mento”, sobre a forma grega “mentum”, atribuindo ação e efeito. Assim, observamos discernir como componente central no latim como “discernere”, entendendo a capacidade e habilidade de separar ou julgar em relação a um conjunto de coisas, formado pelo prefixo dis-, que se refere a remover uma coisa a partir de uma seleção, e o verbo “*ut separate*”, por separar, identificando-se na raiz do indo-européia em “krei”- ou “skribh”,

segundo as teorias desenvolvidas no campo da filologia, compreendendo a ação de cortar ou traçar.

Tratando o conceito com simplicidade. Discernir é a faculdade de escolher o certo, ter critério ou juízo; ou efeito de se distinguir com raciocínio sobre as coisas.

2.2 DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

Discernimento espiritual ou discernimento de espíritos é o nome dado ao processo de averiguação sobre a origem de dado impulso espiritual. Na obra “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio de Loyola, encontra-se a palavra discernimento 52 (cinquenta e duas) vezes. O livro em comento discorre precisamente sobre os meios de discernimento dos impulsos da alma para que o exercitante encontre a autêntica vontade de Deus para si.

Santo Inácio defende a existência de três pensamentos em cada homem. O primeiro seria de natureza própria e interna com a total liberdade de escolha estabelecendo um juízo de valor sobre aquilo que consta no combate de cada homem. Os dois outros de ordem externa que se apresenta ao homem com suas potencialidades, vejamos:

Pressuponho haver em mim três pensamentos, a saber: um que é propriamente meu, que sai da minha pura liberdade e querer; e outros dois que vêm de fora: um que vem do bom espírito e o outro do mau. Há duas maneiras de merecer no mau pensamento que vem de fora. Primeira, vem, por exemplo, um pensamento de cometer um pecado mortal. Resisto-lhe prontamente, e fica vencido. A Segunda maneira de merecer é quando me vem aquele mesmo mau pensamento e eu lhe resisto, e torna-me a vir, uma e outra vez, e eu resisto sempre, até que o pensamento se vai vencido. Esta segunda maneira é de mais merecimento que a primeira¹.

¹ INÁCIO DE LOIOLA. *Exercícios Espirituais*. Tradução do autografo espanhol. 3ª ed. Lisboa: Livraria A.I. – Braga, 1999, p. 13.

2.3 A PROBLEMÁTICA DA EXISTÊNCIA DE DEUS.

Para falar do elemento **discernimento** na obra é necessário abordar o principal capítulo do livro e talvez um dos fragmentos mais importantes de tudo que Dostoievski escreveu em vida. "O Grande Inquisidor" faz parte dos três capítulos em que Aliocha, monge e cristão, trava uma discussão com seu irmão Ivã, ateu e estudioso, intelectual, detentor de argumentos rebuscados. O diálogo e tudo que ali é discutido é simplesmente fascinante.

Em um primeiro momento é notória a alegria de ambos por estarem juntos, unidos, e tendo um tempo para dialogarem e se confraternizarem diante de tantos problemas familiares. Observa-se que os dois irmãos acham lamentável não terem se conhecido e aproveitado o tempo "juntos" antes.

Na ocasião desse encontro antes de Ivã efetuar a leitura para Aliócha do poema "O Grande inquisidor", fragmento principal da obra, levantou a problemática da existência de Deus:

Vamos lá! Foi ontem, em casa do stáriets, que se podia achar que eu estava brincando. Sabes, meu caro, que havia um velho pecador no século XVIII que disse: "Si Dieu n'existait pas, il foudrait l'inventer"? ("Se Deus não existisse, precisaríamos inventá-lo" Citação da Epístola ao Autor dos "Três Impostores", de Voltaire.) E, com efeito, foi o homem quem inventou Deus. E o que é espantoso não é que Deus exista realmente, mas que essa idéia da necessidade de Deus tenha vindo ao espírito de um animal feroz e mau como o homem, tão santa, comovente e sábia é ela, tanta honra faz ao homem. Quanto a mim, renunciei desde muito tempo a perguntar a mim mesmo se foi Deus quem criou o homem, ou o homem quem criou Deus. Bem entendido, não passarei em revista todos os axiomas que os adoscentes russos deduziram das hipóteses européias, porque o que na Europa é uma hipótese torna-se logo um axioma para os ditos adolescentes, e não somente para eles mas para seus professores, que muitas vezes se lhes assemelham. De modo que afasto todas as hipóteses: qual é, com

efeito, nosso desígnio? Meu desígnio é explicar-te o mais rapidamente possível a essência de meu ser, minha fé e minhas esperanças. Assim, declaro admitir Deus, pura e simplesmente².

Quanto a assertiva “Quanto a mim, renunciei desde muito tempo a perguntar a mim mesmo se foi Deus quem criou o homem, ou o homem quem criou Deus... Assim, declaro admitir Deus, pura e simplesmente”. Pode-se refletir que se existe alguma elegância no argumento de um Ateu quanto a existência ou inexistência de Deus está exatamente em atestar a possibilidade da existência como primeiro fator. Sendo assim, abre-se o debate deixando a discussão mais interessante.

Talvez o problema de Ivã e talvez também o de Aliócha não estivesse inerente na existência ou inexistência de um Deus propriamente dito. Mas, naquilo que é a compreensão de seu regramento normativo e o funcionamento de seu Universo agregado a uma valoração moral.

Ivã continua:

É preciso notar, no entanto, que, se Deus existe, se criou verdadeiramente a terra, fê-la, como se sabe, segundo a geometria de Euclides, e não deu ao espírito humano senão a noção das três dimensões do espaço. Entretanto, encontraram-se, encontram-se ainda geômetras e filósofos, mesmo eminentes, para duvidar de que todo o universo e até mesmo todos os mundos tenham sido criados somente de acordo com os princípios de Euclides. Ousam mesmo supor que duas paralelas que, de acordo com as leis de Euclides, jamais se poderão encontrar na terra, possam encontrar-se, em alguma parte, no infinito. Decidi, sendo incapaz de compreender mesmo isto, não procurar compreender Deus. Confesso humildemente minha incapacidade em resolver tais questões; tenho essencialmente o espírito de Euclides: terrestre³.

² DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Abril, 1971, p. 176 e 177.

³ *Ibid.* p. 177.

Seria terminantemente covarde limitar toda essa discussão no campo da Física incompreensível. Não importando se é a física (o fator limitador) ou as leis da matemática daquela época de outrora ou contemporâneas. É obvio que no diálogo em questão os personagens irão descambar para os aspectos morais das decisões voluntariosas de Deus. Quanto ao homem e sua essência.

- A possibilidade de admissão de Ivã:

Assim, admito Deus, não só voluntariamente, mas ainda sua sabedoria, seu fim que nos escapa; creio na ordem, no sentido da vida, na harmonia eterna, na qual se pretende que nos fundiremos um dia: creio no Verbo para o qual propende o Universo que está em Deus e que é ele próprio Deus, até o infinito.

- A problemática de Ivã

Imagina que, em definitivo, esse mundo de Deus, eu não o aceito e, embora saiba que ele existe, não o admito.

Não há intenção em reduzir o universo argumentativo da maioria dos ateus naquilo que é a essência do objeto principal “*Numquid Deus et non est ille? Numquid non annon? An illud quod est vel non est hoc?*” (É ou, não é? Está ou não está? Existe ou não existe? - Deus). Porém soma-se um fator valorativo à discussão sempre que declina para: É justo? Ou não é justo? (tal fato) É permissivo? Ou não é permissivo? (tal acontecimento – autorizado por Deus).

- O desfecho:

Comecei expressamente nossa conversa duma maneira que não podia ser mais idiota, mas levei-a até minha confissão, porque é o que esperas. Não era a questão de Deus que te interessava, mas a vida espiritual de teu irmão querido. Tenho dito⁴.

⁴ Ibid.

No capítulo seguinte, que continua a narrativa sobre o encontro dos irmãos, aprofunda-se o diálogo, Ivã ingressa no terreno da valoração (objeto da dúvida) e começa a questionar a lógica da permissividade de Deus: Tal fato é justo ou injusto? No que diz respeito ao excesso de “livre arbítrio” dado aos homens. Algo que também será abordado na ocasião da leitura do poema.

Afirma que o amor de Cristo pelos homens é uma espécie de milagre impossível na terra. Ainda que decerto Cristo fosse Deus. Nós (homens) não somos deuses. Logo, incapazes de replicar de maneira fidedigna a sua obra. Ao longo do capítulo, Ivã exemplifica alguns casos de comportamentos deploráveis por parte dos homens. Chega a dizer que o diabo não existe e, por conseguinte, foi criado pelo homem à sua imagem.

No **primeiro caso** exemplificado conta a história de um “assassino” chamado Ricardo que se converteu ao cristianismo antes de morrer. Primeiramente traça todo o perfil psicológico desenvolvido por conta de inúmeros infortúnios relacionados ao abandono e descaso que lhe foi atribuído por familiares durante a vida.

O próprio Ricardo alega que como o filho pródigo do Evangelho, quis mesmo comer a varredura destinada aos porcos que eram engordados, mas era privado disso e batiam-lhe quando ele a roubava dos animais; foi assim que passou sua infância e sua mocidade, até que, tornando-se grande e forte, pôs-se a roubar. O personagem mencionado ganhava a vida como jornalista, bebia seu salário, vivia como um monstro e acabou por assassinar um velho para roubá-lo.

Nesse primeiro exemplo Ivã não questiona somente a lógica de Deus (supervisor dos fatos), mas principalmente a lógica humana naquilo que é conferido como o poder de decisão para: punir, aceitar, transigir, sentenciar, perdoar, não perdoar, etc;

No **segundo caso** (esse mais delicado) Ivã conta a história de um senhor culto e sua mulher que sentem prazer em açoitar com varas sua filhinha de sete anos. Diz que o pai se sente feliz porque as varas têm espinhos. “Isto

causará mais dor assim". Fundamenta que há seres tais que se excitam a cada golpe, até o sadismo, progressivamente. E continuava a bater na criança um minuto, depois cinco minutos, depois dez, sempre mais fortemente.

A criança grita, afinal, já sem forças, sufoca: "*Papai, meu papaizinho, tenha dó!*" O caso torna-se escandaloso e recorre-se ao tribunal. Toma-se um advogado. Há muito tempo que o povo russo chama o advogado "*uma consciência que se aluga*". O defensor pleiteia em nome de seu cliente: "*O caso é simples; é uma cena de família, como se vêem muitas. Um pai açoitou sua filha, é uma vergonha processá-lo!*" O júri fica convencido, recolhe-se e traz um veredicto negativo.

Ivã diz que na história o público exulta por ver absolvido aquele carrasco. O caso em apreço tratou de uma menina, por quem seu pai e sua mãe - "*honrados funcionários instruídos e bem educados*" - criaram aversão. A confiança angélica dessas criaturas, segundo o personagem, sem defesa seduz os seres cruéis. Não sabem aonde ir, nem a quem se dirigir, e isto excita os maus instintos.

- Ivã:

Cada homem oculta em si um demônio: acesso de cólera, sadismo, desencadeamento de paixões ignóbeis, doenças contraídas na devassidão, ou então a gota, a hepatite, isto varia. Portanto, aqueles pais instruídos praticavam muitas sevícias na pobre menininha. Açoitavam-na, espezinhavam-na sem razão, seu corpo vivia coberto de equimoses. Imaginaram por fim um refinamento de crueldade: pelas noites glaciais, no inverno, encerravam a menina na privada, sob pretexto de que ela não pedia a tempo, à noite, para ir ali (como se, naquela idade, uma criança que dorme profundamente pudesse sempre pedir a tempo). Esfregavam-lhe os próprios excrementos na cara, e sua mãe, sua própria mãe obrigava-a a comê-los! E essa mãe dormia tranqüila, insensível aos gritos da pobre criança fechada naquele lugar repugnante!

- Ivã conclui e alfineta Aliócha:

- Vês tu daqui aquele pequeno ser, não compreendendo o que lhe acontece, no frio e na escuridão, bater com seus pequeninos punhos no peito ofegante e derramar lágrimas inocentes, chamando o “bom Deus” em seu socorro? Compreendes esse absurdo, tem ele um fim, meu amigo e meu irmão, tu, o noviço piedoso? Dizem que tudo isso é indispensável para estabelecer a distinção entre o bem e o mal no espírito do homem. Para que pagar tão caro essa distinção diabólica? Toda a ciência do mundo não vale as lágrimas das crianças. Não falo dos sofrimentos dos adultos. Eles comeram o fruto proibido, que o diabo os leve! Mas as crianças! Faço te sofrer, Aliócha, tens ar de não estar passando bem. Queres que me detenha?

- Aliócha responde:

Não, também quero sofrer. Continua⁵.

No **terceiro** e último caso, esse também levado ao extremo, Ivã conta a história de um general importante, um rico proprietário rural, que vivia numa de suas propriedades da qual dependiam 2 000 almas (dentre funcionários e familiares).

Esse general tinha uma centena de capatazes, todos a cavalo e uniformizados, e várias centenas de galgos. Certo dia um pequeno servo de oito anos, que se divertia atirando pedras, feriu na pata um daqueles cães favoritos. Vendo seu cão coxear, perguntou o general a causa. Explicaram-lhe o caso, designando o culpado. Mandou imediatamente agarrar o menino, a quem arrancaram dos braços de sua mãe e fizeram passar a noite na prisão.

No dia seguinte, o general, em uniforme de gala, monta a cavalo para ir à caça, cercado de seus cães e de seus capatazes. Reúne-se toda a criadagem para dar-se um exemplo e a mãe da criança é trazida, bem como o menino.

⁵ Ibid. p. 180-182.

O general manda que se tire toda a roupa do menino, o que foi feito. O menino tremia, louco de medo, não ousando dizer uma palavra. *"Façam-no correr, ordena o general. Corre! corre!" gritam-lhe os capatazes*". O menino põe-se a correr. *"Cisca! Cisca!", berra o general, e açula toda a sua matilha*". No final os cães estraçalharam a criança diante dos olhos de sua mãe.

Compreende-se do discurso de Ivã que os fatos concretos acima mencionados tem como pano de fundo a falha lógica por parte de Deus em entregar ao homem a total liberdade em tomar suas decisões criando o terreno necessário para a leitura do poema "O Grande Inquisidor". Vale mencionar que o objeto de estudo aqui apontado no que diz respeito a **"discernimento"**. Não busca verificar *"in loco"* respostas argumentativas "acertadas" e "convincentes" por parte de Aliócha se contrapondo ao ateísmo experimental de seu irmão.

Longe de nós essa pretensão, que nem mesmo Dostoievski promoveu. O que se espera nesse fragmento é extrair do personagem (Aliócha) **uma postura** condizente de um Cristão adulto, que apesar de não conseguir explicar de maneira "racional" os "porquês" de todas as injustiças e sofrimentos vividos pela humanidade. Sabe-se ele de maneira introspectiva (que o Espírito revela a todos os cristãos) que tais sofrimentos são encerrados na Cruz de Cristo. Ou seja, que sofreu por todos as maiores injustiças, sabendo que a existência dos homens não termina nesse mundo.

2.4 LEITURA DO POEMA "O GRANDE INQUISIDOR"

- Como se deu

— *Escreveste um poema?*

— *Não — disse Ivã, rindo —, porque jamais compus dois versos sequer em minha vida. Mas sonhei esse poema e lembro-me dele. Serás meu primeiro leitor, isto é, meu ouvinte. Por que não aproveitar tua presença? Queres?*

— *Sou todo ouvidos.*

— *Meu poema intitula-se “O Grande Inquisidor”; é absurdo, mas quero que o fiques conhecendo*⁶.

Ivã explica que antes de tudo é necessário um preâmbulo do ponto de vista literário. A ação do poema se passa no século XVI. A Virgem Santíssima visita o inferno, guiada por São Miguel Arcanjo. Vê os condenados e seus tormentos. Entre outras, há uma categoria de pecadores num lago de fogo. A Virgem, banhada em pranto, cai de joelhos diante do trono de Deus e pede perdão para todos os pecadores que viu no inferno, sem distinção.

Seu diálogo com Deus é de um interesse extraordinário. Suplica, insiste e, quando Deus lhe mostra os pés e as mãos de seu filho transpassado pelos cravos e lhe pergunta: “Como poderei eu perdoar a seus carrascos?”, ordena ela a todos os santos, a todos os mártires, a todos os anjos que caíam de joelhos com ela e implorem o perdão para os pecadores, sem distinção. Afinal, obtém a cessação dos tormentos, cada ano, da sexta-feira santa a Pentecostes, e os condenados, do fundo do inferno, agradecem a Deus e exclamam: “Senhor, tua sentença é justa!”

O poema vai retratar um fato que ocorreu exatamente consubstanciado nesse cenário. Deus aparece; não diz nada, só faz passar. Quinze séculos decorreram desde que ele prometeu voltar ao seu reino. A humanidade o espera com a mesma fé de outrora, uma fé mais ardente ainda, porque quinze séculos se passaram desde que o céu deixou de dar testemunhos ao homem.

E só resta a fé no referido coração. É verdade que numerosos milagres se verificavam então; santos realizavam curas maravilhosas. A Rainha dos Céus visitava certos justos, de acordo com a biografia deles. Mas o diabo não dorme; a humanidade começou a duvidar da autenticidade daqueles milagres... Depois de tantos séculos, a humanidade reza com fervor: “Senhor Deus, dignai-vos aparecer-nos”, depois de

⁶ Ibid. p. 184.

*tantos séculos grita ela para ele, ele que quis, na sua misericórdia infinita, descer entre seus fiéis*⁷.

O poema vai narrar exatamente esse encontro tão esperado entre a Humanidade e o Filho de Deus. Esse encontro acontece na Espanha, em Sevilha, na época mais fervorosa da Inquisição, quando todos os dias no país ardiam as fogueiras e eram condenados os heréticos. O Senhor aparece e desce para as ruas ardentes da cidade meridional, onde, justamente na véspera, na presença do rei, dos cortesãos, dos cavaleiros, dos cardeais e das mais encantadoras damas da corte, o grande inquisidor mandara queimar uma centena de heréticos.

Cristo apareceu docemente, sem se fazer notar, e — coisa estranha — todos o reconheciam. Atraído por uma força irresistível, o povo comprime-se à sua passagem e segue-lhe os passos. Silencioso, passa ele por entre a multidão com um sorriso de compaixão infinita. Seu coração está abrasado de amor, seus olhos desprendem a luz, a ciência, a força que irradiam e despertam o amor nos corações.

De repente, um velho, cego de infância, exclama em meio da multidão: "Senhor, cura-me e eu te verei". Uma casca cai de seus olhos e o cego vê. O povo derrama lágrimas de alegria e beija o chão sobre as marcas de seus passos.

As crianças lançam flores à sua passagem, canta-se, grita-se: "Hosana!" "É ele, deve ser ele!", exclama-se. "Só pode ser ele!"

Ele para no adro da Catedral de Sevilha no momento em que trazem um pequeno ataúde branco no qual repousa uma menina de sete anos, a filha única de uma pessoa notável. A morta está coberta de flores.

Ele ressuscitará tua filha", gritam na multidão para a mãe lacrimosa. O padre, que sai a receber o ataúde, olha com ar perplexo e franze o cenho. De súbito,

⁷ Ibid. p. 185.

repercuta um grito, a mãe se lança aos seus pés: “Se és tu, ressuscita minha filha!”, e estende os braços para ele. O cortejo pára, deposita-se o caixão sobre as lajes. Ele a contempla, cheio de compaixão, e sua boca ordena docemente mais uma vez: “Talitha kumi, e a menina se levantou”. A morta se levanta, senta-se e olha em redor de si, sorridente, com ar admirado. Tem na mão o buquê de rosas brancas que haviam depositado no caixão⁸.

Naquele momento passa pela praça o cardeal, grande inquisidor. É um ancião quase nonagenário, de rosto dessecado, olhos cavados, mas onde luz ainda uma centelha. Detém-se diante da multidão e observa o Cristo de longe. Viu toda a cena, o caixão, a ressurreição, etc. Aponta-o com o dedo e ordena aos guardas que o prendam. Tão grande é o seu poder e o povo está de tal maneira habituado a submeter-se, a obedecer-lhe tremendo, que a multidão se afasta imediatamente. Em meio dum silêncio de morte, estes o pegam e levam-no. O prisioneiro é conduzido ao sombrio e velho edifício do Santo Ofício, onde o encerram numa estreita cela abobadada.

O dia chega ao fim, vem a noite, uma noite de Sevilha, quente e sufocante. O ar está embalsamado do perfume de loureiros e limoeiros. Nas trevas, a porta de ferro da masmorra abre-se de repente e o grande inquisidor aparece, com um facho na mão. Está só, a porta torna a fechar-se atrás dele. Pára no limiar e observa longamente a Santa Face. Por fim, aproxima-se, pousa o facho sobre a mesa e diz-lhe:

— És tu, és tu? — Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente:

Não digas nada, cala-te. Aliás, que poderias dizer? (o Cardeal fala ao Cristo) Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais do que já disseste outrora. Por que vieste estorvar-nos? Porque tu nos

⁸ Ibid. p. 186-187.

estorvas, bem o sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem tu és e não quero sabê-lo: tu o apenas tua aparência; mas amanhã eu te condenarei e serás queimado como o pior dos heréticos, e esse mesmo povo que hoje te beijava os pés precipitar-se-á amanhã, a um sinal meu, para alimentar tua fogueira. Sabes disso? Talvez — acrescenta o velho, pensativo, com os olhos sempre fixos em seu prisioneiro⁹.

Naquele momento da narrativa Aliócha é obrigado a interromper Ivã e diz não compreende bem aonde seu irmão quer chegar com aquilo tudo. Pergunta se trata de uma fantasia? Um erro do ancião? Um “quiproquó” estranho?

2.5 AS TENTAÇÕES NO DESERTO

Dostoievski conduz a narrativa com grande maestria. E continua o discurso do ancião (Cardeal Inquisidor) o qual se dirige ao Cristo, que escuta tudo calado. O ponto profundo e sensível desse fragmento é quando o ancião aborda exatamente o episódio em que Cristo há quinze séculos passou pelas três tentações no deserto. Ocasão em que se encontrou com o próprio diabo após quarenta dias de jejum.

O Cardeal exalta a importância desse encontro tendo em vista que o resultado da contenda selaria para sempre toda a humanidade. Inclusive atesta a validade do espírito condutor fazendo menção com “certa admiração peculiar”. Colocando todos nós “expectadores” com receios sobre aquilo que são as intenções do chefe da igreja local, vejamos:

“O espírito terrível e profundo, o espírito da destruição e do nada”, continua ele, “falou-te no deserto e as Escrituras relatam que ele te ‘tentou’, é verdade? E nada se podia dizer de mais penetrante que o que te foi dito nas três perguntas ou, para falar com as Escrituras, as ‘tentações’ que repeliste? Se jamais houve na terra um milagre autêntico e retumbante, foi o dia daquelas três

⁹ Ibid. p. 187.

tentações. O simples fato de terem sido formuladas aquelas três perguntas constitui um milagre. Suponhamos que tenham desaparecido das Escrituras, que seja preciso reconstituí-las, imaginá-las de novo para substituí-las ali, e que se reúnam para esse efeito todos os sábios da terra, homens de Estado, prelados, sábios, filósofos, poetas, dizendo-lhes: imaginai, redigi três perguntas que não somente correspondam à importância do acontecimento, mas ainda exprimam em três frases toda a história da humanidade futura — acreditais que esse areópago da sabedoria humana poderia imaginar nada de tão forte e de tão profundo como as três questões que te propôs então o poderoso espírito (o diabo)? Essas três questões provam por si sós que se tem de ver com o espírito eterno e absoluto e não com um espírito humano transitório. Porque resumem e predizem ao mesmo tempo toda a história ulterior da humanidade, são as três formas em que se cristalizam todas as contradições insolúveis da natureza humana. Não se podia na ocasião perceber isso, porque o futuro estava velado, mas agora, após quinze séculos decorridos, vemos que tudo fora previsto naquelas três perguntas e realizou-se a ponto de ser impossível acrescentar-lhes ou retirar-lhes uma só palavra¹⁰.

Em cada pergunta, ou seja, em cada tentação que é proposta (Tentação do pão, da história e dos ídolos) Cristo dá uma resposta adequada de maneira sublime. Contudo suas respostas comprometem toda a humanidade naquele momento. O ancião defende a tese que aquele momento específico (de respostas as tentações) deveria ter sido arrancado do homem o mais sagrado dos presentes dado por Deus, “o livre arbítrio”.

Deus, em seu desejo de ser amado pelo homem com sua total liberdade de escolha, preserva naquele momento o “livre arbítrio” e estabelece, com o desenho do episódio, o formato daquilo que seria “o combate” às tentações apresentada aos Cristãos em sua vida pessoal. Vejamos os trechos:

¹⁰ Ibid. p. 188-189.

Mas tu não quiseste privar o homem da liberdade e recusaste, estimando que era ela incompatível com a obediência comprada por meio de pães. Replicaste que o homem não vive somente de pão; mas sabes que, em nome desse pão terrestre, o espírito da terra se insurgirá contra ti, lutar e te vencerá, que todos o seguirão, gritando: 'Quem é semelhante a esse animal? Ele nos deu o fogo do céu!' Séculos passarão e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios e de seus intelectuais que não há crimes e, por conseguinte, não há pecado; só há famintos. 'Nutre-os e então exige deles que sejam virtuosos!' Eis o que se inscreverá sobre o estandarte da revolta que abaterá teu templo...

Aumentaste a liberdade humana em vez de confiscá-la e assim impuseste para sempre ao ser moral os pavores dessa liberdade. Querias ser livremente amado, voluntariamente seguido pelos homens fascinados. Em lugar da dura lei antiga, o homem, devia doravante, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão tua imagem, mas não previas que ele repeliria afinal e contestaria mesmo tua imagem e tua liberdade, esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher? Gritarão por fim que a verdade não estava em ti, de outro modo não os terias deixado numa incerteza tão angustiada, com tantas preocupações e problemas insolúveis. Preparaste assim a ruína de teu reino¹¹.

Nesse momento da narrativa, o leitor é tomado de surpresa ao perceber que o Cardeal toma partido do “Espírito terrível e profundo” que se encontrou com Cristo, ou seja, o próprio Diabo, a ponto de deixar algumas pistas sobre uma possível união entre ele e a entidade na condução da humanidade sobre vários aspectos sobre o desfecho de futuro próximo, ocasionado pelas escolhas do Messias, vejamos:

¹¹ Ibid. p. 189-190.

Decide, pois, tu mesmo quem tinha razão: tu, ou aquele que te interrogava?

Eis o que se inscreverá sobre o estandarte da revolta que abaterá teu templo. Em seu lugar elevar-se-á novo edifício, uma segunda torre de Babel, que ficará sem dúvida inacabada, como a primeira, mas tu terias podido poupar aos homens essa nova tentativa e mil anos de sofrimento. Porque virão eles procurar-nos, depois de ter penado mil anos para construir sua torre! Procurar-nos-ão sob a terra como outrora, nas catacumbas onde estaremos escondidos (perseguir-nos-ão de novo) e clamarão: 'Dai-nos de comer, porque aqueles que nos tinham prometido o fogo do céu não no-lo deram'. Então, acabaremos a torre deles, porque para isso basta apenas o alimento, e "nós" os nutriremos, utilizando-nos falsamente de teu nome, e os faremos crescer. Sem nós, estarão sempre famintos. Nenhuma ciência lhes dará pão, enquanto permanecerem livres, mas acabarão por depositá-la a nossos pés, essa liberdade, dizendo: 'Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis'. Compreenderão por fim que a liberdade e o pão da terra à vontade para cada um são inconciliáveis, porque jamais saberão reparti-los entre si! Convencer-se-ão também de sua impotência para ser livres sendo fracos, depravados, nulos e revoltados. Tu lhes prometias o pão do céu; ainda uma vez, é ele comparável ao da terra aos olhos da fraca raça humana, eternamente ingrata e depravada? (...)”

Ficarão espantados e acreditarão que somos deuses por ter consentido, pondo-nos a comandá-los, em assumir a liberdade que os atemorizava e reinar sobre eles, de modo que ao final terão medo de ser livres. Mas lhes diremos que somos teus discípulos e reinamos em teu nome. Enganá-los-emos de novo, porque então não deixaremos que te aproximes de nós. E será essa impostura que constituirá nosso sofrimento, porque será preciso que mintamos¹².

¹² Ibid. p. 189.

2.6 A GENIALIDADE DE DOSTOIEVSKI

Aqui se torna necessário elencar o alcance do poder criativo do Autor na transmissão da mensagem utilizando-se de todas as peças do quebra-cabeça em questão. Pode-se sintetizar tal refrega através de uma fórmula dos fragmentos da dimensão proposta, vejamos: **1)** Ivã, ateu, se encontra com seu irmão Aliocha, cristão; **2)** Nesse diálogo é proclamado o poema em que conta a história do reencontro do Cristo com o próprio diabo através da figura de um cardeal que representa toda a humanidade frágil e corrompida; **3)** Ivã e Aliocha observam atentamente a postura do Cristo e do Diabo no desenrolar desse encontro; **4)** Enquanto nós, expectadores e leitores da obra, observamos a postura de Ivã e Aliocha.

Logo: **1)** Encontro de personagens – Ivã e Aliócha - (círculo externo); **2)** Encontro de personagens – Cardeal e Cristo - dentro do universo de outros dois personagens (círculo interno); **3)** Personagens do círculo externo observam os personagens do círculo interno; **4)** Nós – leitores – observamos a postura do círculo externo diante da conduta do círculo interno.

Dostoievski através de uma manobra consegue criar uma formatação harmoniosa de quatro dimensões “refratárias e auto reflexivas” no que diz respeito ao ponto crucial que é a POSTURA!

2.7 CONCLUSÃO DO ENCONTRO

Depois de Cristo ficar calado durante todo o discurso do Cardeal, ele faz exatamente aquilo que não se espera: aproxima-se do Cardeal tocando em seus lábios esbanjando amor e perdão ao homem que está a sua frente. Compreende-se que o Cristo de Dostoievski é exatamente o Cristo de quinze séculos atrás, aquele que não se defende de qualquer ofensa ou calúnia revidando o mal com o mal. O único Cristo possível condizente com o desfecho do enredo da estória.

Aliocha também escutou o poema absolutamente calado e no final da leitura fez com Ivã exatamente aquilo que Cristo fez com o Cardeal. Também

aproximou-se e tocou nos lábios de seu irmão beijando-o com profunda ternura. Ainda que naquele instante tenha sido acusado de plágio, essa também foi a única reação (por sinal muito condizente) que conseguiu se exprimir Aliócha. Vejamos os trechos:

- Cristo e o ancião:

O inquisidor se cala, espera um momento a resposta do prisioneiro. Seu silêncio lhe pesa. O cativo escutou-o todo o tempo, fixando-o com seu olhar penetrante e calmo, visivelmente decidido a não lhe dar resposta. O velho queria que ele lhe dissesse alguma coisa, ainda mesmo palavras amargas e terríveis. De repente, o prisioneiro aproxima-se em silêncio do nonagenário e beija-lhe os lábios exangues. É toda a sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem, vai à porta, abre-a e diz: “Vai-te e não voltes mais... nunca mais!” E deixa que ele se vá pelas trevas da cidade. O prisioneiro sai.

- Aliócha e Ivã:

— E o velho? (pergunta Aliócha)

— O beijo queima-lhe o coração, mas ele persiste na sua idéia. (responde Ivã)

— E tu estás com ele, também tu! — exclamou amargamente Aliócha. — Que absurdo, Aliócha! É apenas um poema destituído de sentido, a obra dum fedelho estudante que jamais fez versos. Pensas que vou agora meter-me com os jesuítas, juntar-me àqueles que corrigiram sua obra? Oh! Senhor! que me importa? (...)

— Quer dizer que “tudo é permitido”, não é? Ivã franziu o cenho e empalideceu estranhamente. — Ah! apanhaste ao vôo aquela frase de ontem que tanto ofendeu Miúsov... e que Dimítri repetiu tão ingenuamente. Pois seja, “tudo é permitido”, já que se disse isto. Não me retrato. Aliás, Mítia formulou-a bastante bem. Aliócha examinava-o em silêncio. — Na véspera de partir, meu irmão, pensava que

tinha só a ti no mundo, mas vejo agora que, mesmo em teu coração, não há mais lugar para mim, meu caro eremita. Não renegarei esta fórmula de que “tudo é permitido” e serás tu então que me renegarás, não é? Aliócha aproximou-se dele e beijou-lhe suavemente os lábios.

— É um plágio! — exclamou Ivã, de súbito exaltado. — Tiraste isto do meu poema. Agradeço-te, no entanto. É tempo de partir, Aliócha, para ti e para mim. Saíram¹³.

2.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TESE-ARGUMENTATIVA DO POEMA

Poderíamos apontar um erro no discurso de Ivã sob os seguintes aspectos. Toda vez que Cristo - de maneira irrepreensível e irresoluto - dava uma resposta adequada negando-se a cair na tentação do demônio, não fazia por si só. Ele compromete a natureza fraca dos homens, os quais deveriam (desde então) fazer o mesmo, tomando a postura do Messias como exemplo.

Pelo contrário, Cristo vence as três tentações “pela humanidade” porque já sabia que os homens não conseguiriam, pelas próprias forças, fazer a vontade de Deus. Esse é um equívoco encontrado na falácia, qual seja: se o homem fosse detentor de um poder “sobre humano” de anular suas limitações e cumprir em plenitude aquilo que é a vontade de Deus, tornaria absolutamente desnecessária a vinda de Cristo, que cumpriu tudo em plenitude em favor da humanidade.

Em uma interpretação rápida e equivocada pode-se pensar que Dostoievski se utiliza do discurso de Ivã para criticar a igreja (como instituição) ou sua intransigência em vários pontos ao longo dos séculos. Ao contrário, o autor se utiliza toda energia e agressividade das palavras e idéias que Ivã pronuncia para trazer a tona diversos tipos de questionamentos que são naturais a todos os homens no que diz respeito a “lógica de Deus”.

Ivã é apenas um instrumento. Aliócha (e seu comportamento) é o fim. Aliócha, muito naturalmente, imita a postura do Cristo. Em nenhum momento procura defender-se ou defender suas idéias e aquilo que acredita. Muito

¹³ Ibid. p. 196.

menos busca convencer seu irmão das falhas da argumentação. Aliócha só se preocupa “em amar”. Amar sem critérios ou limites. Se preocupa que seu irmão Ivã se sinta acolhido por ele. Não obstante, todas as divergências de pensamentos existentes sobre os dois.

Aliócha foi o instrumento perfeito que Dostoievski utilizou para comprovar que o “amor” vence todas as coisas. Vence as falácias, as discussões, os debates, a vaidade, o obscurantismo e as intransigências pessoais de cada ser. Não restam dúvidas que esse personagem carrega consigo uma excelente dose de **discernimento**, no que diz respeito a ser um Cristão autêntico ainda que tenha dificuldade em exprimir com palavras aquilo que ele tem de sobra em postura.

O autor acerta perfeitamente a dose correta em atribuir ao personagem a devida personalidade de um homem comum, porém iluminado e entusiasmado com o que acredita. Sem correr o risco de despejar de maneira desnecessária algum tipo de heroísmo exacerbado que macularia o cotejo pessoal do protagonista.

3. ALEGRIA

O último elemento, porém não menos importante, apresenta-se com grande relevância e peculiaridade no rol de características da vida de qualquer Cristão. Assim como o chamado, o combate e o discernimento. A **alegria** faz parte e é própria da vida daquele que tem um encontro pessoal com Cristo. Em especial experimenta de maneira profunda a “notícia” arrebatadora do poder da ressurreição.

Se observarmos os trechos do Evangelho no capítulo em que as mulheres e os próprios discípulos recebem a notícia que mudaria todo o curso da humanidade e também de suas vidas, a palavra alegria manifesta-se na transcrição enaltecendo o sentimento explosivo nos referidos receptores.

No Evangelho de Mateus pode-se averiguar que as mulheres Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, foram ver o sepulcro no domingo pela manhã.

Na ocasião presenciaram um grande terremoto, encontrando-se logo em seguida com “um anjo do Senhor”. Naquele momento as referidas mulheres foram “as primeiras” a receberem por parte do anjo a grandiosa “notícia” que mudaria completamente suas vidas. A notícia da ressurreição, experiência única e pessoal sempre vem acompanhada da alegria, vejamos (Mt 28,5-8):

*Mas o Anjo, dirigindo-se as mulheres, disse-lhes: “Não temais! Sei que estas procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia, e, depressa ide dizer aos seus discípulos: ‘Ele ressuscitou de entre os mortos, e eis que vos precede na Galileia; é lá que o vereis’. Vede bem eu vo-lo disse!” Elas, partindo depressa do túmulo, **comovidas e com grande alegria**, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. (grifo nosso)*

Se não bastasse, segundo a mesma narrativa de São Mateus, a primeira palavra que sai da boca do Cristo Ressurreto para as mesmas mulheres é: “**Alegrai-vos**”. Sendo assim, eis a importância do elemento objeto do estudo. A primeira palavra pronunciada pelo Messias, que teve a experiência “atemporal” - vivenciando verdadeiro lapso fora do Espaço-Tempo -, foi exatamente essa: “**Alegrai-vos**”. Vejamos o trecho (Mt 28,9-10):

E eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: “Alegrai-vos”. Elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, prostrando-se diante dele. Então Jesus disse: “Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá me verão.

O que para nós, que ainda não saímos da experiência do “*continuum*”, ou seja, ainda vivenciamos uma experiência temporal nesse mundo, explicamos de maneira demasiado precária a ausência de Cristo contabilizada em três dias. Dito de outra forma, esse mesmo Cristo, que retorna ao nosso mundo, profere como mensagem principal (primeira palavra) às mulheres que

foram as primeiras testemunhas o seguinte verbo: “Alegrai-vos”. É como se fosse exatamente a mensagem que o pai pediu que o filho transmitisse aos homens quando se manifestasse **pós-ressureição**.

Os evangelhos de Lucas e João não são diferentes no tocante ao aparecimento da palavra que traduz os sentimentos dos discípulos imediatamente ao se encontrarem com o Senhor. Vejamos:

- Narrativa de Lucas (Lc 24,36-41)

*Falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!” Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho”. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. **E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos (grifo nosso).***

- Narrativa de João (Jo 20, 19-20)

*À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: «A paz esteja convosco!» Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. **Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor (grifo nosso).***

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ALEGRIA CRISTÃ

Antes de tudo é importante distinguir o elemento “alegria” de “felicidade”. Alegria é um elemento único, peculiar, de brevidade no tempo (momentâneo) e proveniente de um fator externo (notícia ou fato). No caso dos Cristãos (contemporâneos a Cristo), pode-se dizer que experimentaram

grande alegria por se encontrarem com o Senhor ou por receberem a notícia da ressurreição (vitória da vida sobre a morte).

Os Cristãos dos séculos seguintes também experimentaram a mesma "alegria cristã" quando se encontraram com Cristo através da: palavra, das celebrações, dos cantos, e das manifestações de toda sorte do Espírito Santo que visita cada qual em sua trajetória. Já a "felicidade" é um elemento - também atinente a vida de um Cristão - que está absolutamente vinculado a um decurso temporal que é desenvolvido ao longo da vida. Podem-se tomar como exemplo as seguintes assertivas para esclarecimento do conceito:

___ *Eu sou feliz! (período temporal longo e adequado)*

Ao contrário de:

___ *Eu estou feliz! (período temporal curtíssimo de natureza precária)*

Ou seja, no exemplo acima se tornou necessária uma análise sobre acontecimentos pretéritos para o alcance de um produto concluído. Sendo assim, felicidade depende do "tempo".

Da mesma forma com o elemento "alegria" inverte-se o conceito:

___ *Eu estou alegre! (período temporal curto e adequado)*

Ao contrário de:

___ *Eu sou alegre! (período temporal longo e inadequado)*

Sendo assim, conclui-se que o Cristão para se declarar "feliz" deve necessariamente ter um olhar atencioso para os fatos e manifestações decorridos ao longo de um período "na história". Ao contrário da alegria que revela algo ocasionado de maneira (mais breve) momentânea.

Para fazer um diagnóstico preciso quanto ao elemento “felicidade”, o cristão recorre ao elemento “**discernimento**” que o ajudará na análise de sua própria história. Observará com tal elemento se de fato tem experimentado em sua vida a intervenção de uma mão poderosa e providencial sobre todos os fatos vivenciados. É importante salientar que alguns momentos de “tristeza” não têm o condão de macular todo o processo de construção de felicidade.

Da mesma forma, o elemento “**combate**” ajuda o cristão a afastar-se dos maus pensamentos que promovem a tristeza por si só, afastando-o daquilo que é o “**chamado**” a vontade de Deus. Uma frase celebre do Beato Carlo Acutis traduz muito bem o cenário em questão: “A tristeza é o olhar voltado para si. Felicidade é o olhar voltado para Jesus!”¹⁴.

A alegria do Cristão é promovida pela manifestação do Espírito Santo (fator externo) que o visita de maneiras diversas. Em uma das meditações matutinas proferidas na santa missa celebrada na capela da “Domus Sanctae Marthae”, o Papa Francisco, em 31 de Maio de 2013, fez alusão à alegria cristã e a sua origem.

*São tantos os cristãos que não conhecem a alegria. E até quando estão na Igreja a louvar a Deus, parece que seguem um cortejo fúnebre e não uma celebração jubilosa. Ao contrário, se aprendessem a sair de si mesmos e a dar graças a Deus, a «perder tempo louvando a Deus, compreenderiam realmente o que é a alegria que os liberta. (...) Tudo é alegria. Mas nós cristãos não estamos muito habituados a falar de alegria, de júbilo. Penso que muitas vezes nos agrada mais o lamento! O que é a alegria? A chave para compreender esta alegria é o que nos diz o evangelho: “Isabel estava cheia do Espírito Santo”. O que nos dá a alegria é o Espírito Santo. Também na primeira oração da missa pedimos a graça da docilidade ao Espírito Santo, o que nos dá a alegria*¹⁵.

¹⁴ ACUTIS, Carlo. 12 frases que inspiram a missão da PASCOM. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/12-frases-de-carlo-acutis-que-inspiram-a-missao-da-pascom/>

¹⁵ FRANCISCO. Discurso do Papa em uma das meditações matutinas proferidas na santa missa celebrada na capela da “Domus Sanctae Marthae”, em 31 de Maio de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130602_meditazioni-9.html

3.2 A ALEGRIA DE ALIÓCHA

Ao longo da estória pôde-se identificar que Aliócha experimentou e vivenciou o elemento “alegria” em momentos diversos. Um dos trechos que deixa claro a existência da “alegria cristã” no personagem é quando ele retorna ao mosteiro para velar o corpo do Sariéts Zózima, o velho santo, seu superior.

Aliócha estava absolutamente abalado com a morte de seu Stáriéts e pelo episódio do “Odor Deletério”. E há pouco tinha sido colocado a prova conduzido a armadilha de seu colega Rakítin entrando em **combate** pela sedução de Grúchenhka. Aliócha ao voltar para o mosteiro experimentou uma alegria imensa sendo consolado pelo Espírito Santo, vejamos:

“Era já muito tarde para entrar no mosteiro, quando Aliócha chegou ao eremitério; o irmão porteiro introduziu-o por uma entrada particular. Tinham soado 9 horas, a hora do repouso, após um dia tão agitado. Aliócha abriu timidamente a porta e penetrou na cela do stáriéts, onde se encontrava agora seu ataúde. Não havia ninguém, exceto o Padre Paísi, lendo o Evangelho diante do morto, e o jovem noviço Porfíri, esgotado pela conversação da derradeira noite e pelas emoções do dia; dormia o profundo sono da mocidade, deitado no chão, na peça vizinha. O Padre Paísi, que ouvira Aliócha entrar, nem mesmo voltou a cabeça. Aliócha ajoelhou-se num canto e pôs-se a rezar. Sua alma transbordava, mas suas sensações permaneciam confusas, uma afugentando a outra, numa espécie de movimento giratório uniforme. Coisa estranha, experimentava ele uma sensação de bem-estar e não se admirava disso. Contemplava de novo aquele morto que lhe era tão querido, mas a compaixão lacrimosa e dolorosa da manhã desaparecera. Ao entrar, caíra de joelhos diante do caixão como diante de um santuário e, no entanto, a alegria esplendia em sua alma. Um ar fresco entrava pela janela aberta. “O cheiro deve ter então aumentado, do contrário não se teriam decidido a abrir uma janela”, pensou Aliócha. Mas não se sentia mais angustiado, nem

*indignado por causa daquela idéia da corrupção. Pôs-se a rezar mansamente, e em breve percebeu que o fazia quase maquinalmente. Fragmentos de idéias surgiam, tais como fogos-fátuos; em compensação, reinavam em sua alma uma certeza, um apaziguamento de que tinha consciência. Punha-se a rezar com fervor, cheio de reconhecimento e de amor... (...)*¹⁶.

Depois de um período de oração e de ter seu coração consolado. Aliócha vivenciou uma experiência mística inexplicável. Ao som do Evangelho proclamado pelo Padre Paísi. Escutou a leitura das “Bodas de Caná” em que Jesus Cristo devolveu a alegria a todos os convidados da festa de casamento na ocasião em que tinha acabado o vinho da cerimônia e sua mãe intercedeu pedindo um milagre a todos os presentes:

- O milagre do vinho e a devolução da alegria

Três dias depois celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléia; encontrava-se lá a Mãe de Jesus. “E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas. (...)

*... E, faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: ‘Não têm vinho’, ouviu Aliócha. — Ah! sim, perdi o começo. É pena, gosto dessa passagem: as bodas de Caná, o primeiro milagre... Que belo milagre! Foi consagrado à **alegria** e não ao luto... “Quem ama os homens, ama também sua **alegria...**” (...)*

*... E Jesus disse-lhe: ‘Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora. “Disse sua mãe aos que serviam: ‘Fazei tudo o que ele vos disser’” — Fazei... Dai **alegria** a gente muito pobre... Muito pobres, seguramente, pois que até mesmo em suas bodas o vinho faltou... Os historiadores contam que em torno do lago de Genesaré e na região estava então disseminada a população mais pobre que se possa imaginar... E sua mãe, de grande coração, sabia que*

¹⁶ DOSTOIEVSKI, 1971, p. 260.

ele não viera somente cumprir sua missão, sublime, mas que partilhava da alegria ingênua das pessoas simples e ignorantes que o convidavam cordialmente para suas humildes bodas (grifo nosso).

- Experiência mística

Mas que acontece? Por que o quarto está oscilando? Ah! sim... são as bodas, o casamento... bem, decerto. Eis os convidados, os jovens esposos, a multidão alegre e... onde está então o prudente mestre-sala? Que é isso? O quarto oscila de novo... Quem se levanta na grande mesa? Como... ele também está aqui? Mas estava no seu caixão... Levantou-se, viu-me, vem para cá... Meu Deus!... Com efeito, ele se aproximou, o velhinho seco, de rosto sulcado de rugas, rindo docemente. O caixão desapareceu, ele está vestido como ontem, em companhia deles, quando seus visitantes se reuniram. Seu rosto está descoberto, seus olhos brilham. Como pode ser isto, também ele no festim, também ele convidado para as bodas de Cana?¹⁷

- Aliócha em transe escuta a voz do Stáriéts

— *Tu estás também convidado, meu querido, com todas as regras*

— *disse sua voz tranqüila.*

— *Por que te escondes aqui, não te vêem... Vem para junto de nós. É sua voz, a voz do stáriéts Zósima... como não haveria de ser ele, pois está chamando? O stáriéts toma a mão de Aliócha, que se levantou.*

— *Regozijemo-nos — prosseguiu o ancião — bebamos o vinho novo, o vinho da grande alegria. Vês aqueles convidados? Eis o noivo e a noiva, eis o prudente mestre-sala, prova o vinho novo. Por que estás surpreendido por ver-me? Dei uma cebola e*

¹⁷ Ibid., p. 260-262.

eis-me aqui. Muitos dentre nós não deram senão uma cebola, uma bem pequena cebola... Que são nossas obras? E tu também, meu terno e manso rapaz, tu também soubeste hoje dar uma cebola a uma faminta. Começa tua obra, meu querido! Estás vendo o nosso Sol, tu o percebes?

— *Tenho medo... não ousa olhar... — balbuciou Aliócha.*

— *Não tenhas medo dele. Sua majestade é terrível. Sua grandeza nos esmaga, mas sua misericórdia é sem limites; por amor fêz-se semelhante a nós e se rejubila conosco, muda a água em vinho, para não interromper a alegria dos convidados, aguarda outros, chama-os continuamente por todos os séculos dos séculos. E eis que trazem o vinho novo, vê os copos... Algo ardia no coração de Aliócha, enchia-o até doer-lhe, lágrimas de alegria derramaram-se de sua alma... Estendeu os braços, lançou um grito, despertou...¹⁸ (grifo nosso)*

3.3 A exultação de Aliócha (Seu “Magnificat” pessoal)

Na ocasião da audiência geral de 15 de Fevereiro de 2006 o Santo Padre Bento XVI em total agradecimento pelos 05 (cinco anos) de itinerário textual, iniciado pelo seu predecessor (São João Paulo II), formulou um texto de Ação de Graças pela conclusão da sequência dos Salmos e dos Cânticos que compõem o tecido litúrgico das laudes e das vésperas.

Naquele dia, o sumo pontífice tomou como exemplo a oração do “Magnificat” em que a Virgem Santíssima com apenas quinze anos de idade exultou em absoluta alegria com total agradecimento por ter sido escolhida, dentre todas as mulheres, para ser a mãe do Salvador. O “Magnificat” é conhecido por todos como o grande canto de agradecimento. Nele a própria Virgem (segundo o relato de São Lucas) menciona que: “Desde agora me felicitarão todas as gerações... Porque o poderoso fez grandes coisas em meu favor... Ele viu a pequenez de sua serva... Todas as gerações me chamarão de

¹⁸ Ibid., p. 261-262.

bendita... Agiu com a força de seu *braço*, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias...”

A transcrição da audiência geral, *in verbis*:

O primeiro movimento do cântico mariano (cf. Lc 1, 46-50) é uma espécie de voz solista que se eleva em direção ao céu para alcançar o Senhor. Com efeito, observe-se o ressoar constante da primeira pessoa: “A minha alma... o meu espírito... meu salvador... chamar-me-ão bem-aventurada... fez grandes coisas em mim...”. A alma da oração é, portanto, a celebração da graça divina que transbordou no coração e na existência de Maria, tornando-a a Mãe do Senhor. Ouvimos precisamente a voz de Nossa Senhora que fala assim do seu Salvador, que fez maravilhas na sua alma e no seu corpo.

A estrutura íntima do seu canto é, portanto, o louvor, o agradecimento, a alegria reconhecedora. Mas este testemunho pessoal não é solitário, intimista ou puramente individualista, porque a Virgem Mãe está consciente de ter uma missão a cumprir pela humanidade e a sua vicissitude insere-se no âmbito da história da salvação. E assim pode dizer: “A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem” (v. 50). Com este louvor ao Senhor Nossa Senhora dá voz a todas as criaturas remidas, que no seu “Fiat”, assim como na figura de Jesus nascido da Virgem, encontram a misericórdia de Deus.

3. Neste ponto desenvolve-se o segundo movimento poético e espiritual do Magnificat (cf. vv. 51-55). Ele possui uma tonalidade mais coral, como que se à voz de Maria se associasse a da inteira comunidade dos fiéis que celebram as opções surpreendentes de Deus. No original grego do Evangelho de Lucas temos sete verbos no aoristo, que indicam igual número de acções que o Senhor realiza de modo permanente na história: “Manifestou o

poder do seu braço... dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens... despediu os ricos... acolheu Israel”.

Neste septenário de obras divinas é evidente o “estilo” no qual o Senhor da história inspira o seu comportamento: ele declara-se da parte dos últimos. O seu é um projecto que com frequência está escondido sob o terreno obscuro das vicissitudes humanas, que vêem triunfar “os soberbos, os poderosos e os ricos”. Contudo a sua força secreta está destinada a revelar-se no final, para mostrar quem são os verdadeiros prediletos de Deus: “Os que o temem”, fiéis à sua palavra; “os humildes, os famintos, Israel seu servo”, isto é, a comunidade do povo de Deus que, como Maria, está constituída por aqueles que são “pobres”, puros e simples de coração. É aquele “pequeno rebanho” que está convidado a não temer porque ao Pai aprovou conceder-lhe o seu reino (cf. Lc 12, 32). E assim este cântico nos convida a associar-nos a este pequeno rebanho, a ser realmente membros do Povo de Deus na pureza e na simplicidade do coração no amor de Deus.

4. Aceitemos então o convite que no seu comentário ao texto do Magnificat nos dirige santo Ambrósio. O grande Doutor da Igreja diz: «Esteja em cada um a alma de Maria que engrandece o Senhor, esteja em todos o espírito de Maria que exulta em Deus; se, segundo a carne, uma só é a mãe de Cristo, segundo a fé todas as almas geram Cristo; de facto, cada uma acolhe em si o Verbo de Deus... A alma de Maria engrandece o Senhor, e o seu espírito exulta em Deus, porque, consagrada com a alma e com o espírito ao Pai e ao Filho, ela adora com afecto devoto um só Deus, do qual tudo provém, e um só Senhor, em virtude do qual todas as coisas existem” (Exposição do Evangelho segundo Lucas, 2, 26-27: SAEMO, XI, Milão-Roma 1978, p. 169).

Neste maravilhoso comentário do Magnificat de

santo Ambrósio sensibiliza-me de modo particular a palavra surpreendente: «Se, segundo a carne, uma só é a mãe de Cristo, segundo a fé todas as almas geram Cristo: de facto cada uma acolhe em si o Verbo de Deus». Assim o santo Doutor, interpretando as palavras de Nossa Senhora, convida-nos a fazer com que o Senhor encontre um abrigo na nossa alma e na nossa vida. Não devemos apenas levá-lo no coração, mas devemos levá-lo ao mundo, de forma que também nós possamos gerar Cristo para o nosso tempo. Peçamos ao Senhor que nos ajude a magnificá-lo com o Espírito e com a alma de Maria e a levar de novo Cristo ao nosso mundo¹⁹.

Dostoievski registra na estória o momento de exultação de Aliócha logo após o transe da experiência mística quando ele vive um profundo momento de agradecimento ao Senhor. Aliócha há muito se encontrava de alma abatida por diversas questões que oprimiam sua alma, em especial, a difamação de seu Stariéts.

Desceu o patamar sem se deter. Sua alma exaltada tinha sede de liberdade, de espaço. Acima de sua cabeça, a abóbada celeste estendia-se até o infinito, as estrelas calmas cintilavam. Do zênite ao horizonte aparecia, indistinta ainda, a Via-Láctea. A noite serena envolvia a terra. As torres brancas e as cúpulas douradas destacavam-se sobre o céu de safira. As opulentas flores de outono, em redor da casa, haviam adormecido até a manhã. A calma da terra parecia confundir-se com a dos céus, o mistério terrestre confinava com o das estrelas. Aliócha, imóvel, olhava; de súbito, como que ceifado, prosternou-se. Ignorava por que estreitava a terra, não compreendia por que teria querido, irresistivelmente, abraçá-la toda inteira, mas abraçava-a chorando, inundando-a com suas

¹⁹ BENTO XVI. Discurso do Papa na ocasião da audiência geral de 15 de Fevereiro de 2006. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060215.html

lágrimas, e prometia a si mesmo, com exaltação, amá-la sempre. "Rega a terra com lágrimas e alegria e ama-a..." Estas palavras repercutiam em sua alma. A respeito de que choraria? Oh! no seu êxtase, chorava mesmo a respeito daquelas estrelas que cintilavam no infinito, e não se envergonhava daquela exaltação. Dir-se-ia que os filhos daqueles mundos inumeráveis convergiam em sua alma e que toda ela fremia, em contato com os outros mundos. Teria querido perdoar, a todos e por tudo, e pedir perdão, não por ele, mas pelos outros e por tudo, "os outros o pedirão por mim". Estas palavras também lhe vinham à memória. De mais a mais, sentia claramente e como que tangivelmente algo de firme e de inabalável penetrar na sua alma. Uma idéia apoderava-se de seu espírito, por toda a sua vida e para sempre. Havia-se prosternado fraco adolescente e reergueu-se lutador sólido para o resto de seus dias. Teve consciência disto, e sentiu-o naquele momento de sua crise. E nunca mais, dali por diante, pôde Aliócha esquecer aquele instante. "Minha alma foi visitada naquela hora", dizia ele, mais tarde, crendo firmemente na verdade de suas palavras²⁰.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais falar de Aliócha? Trata-se de um herói? Uma criatura ingênua ou boazinha? Longe disso. Verificou-se ao longo do trabalho que Dostoievski inseriu no personagem os elementos mínimos para a construção de um "Cristão". Aliócha não é uma figura com qualidades extraordinárias que o projeta para o despontamento de um protagonismo alavancado. Ao contrário, tudo que tem de bom se desponta através de qualidades sutis que se manifestam em situações pontuais.

Além de carregar consigo o chamado, discernimento, alegria e disposição para o combate, destaca-se por ser: generoso, caridoso, humano, benévolo, benigno, bem-intencionado, indulgente, misericordioso, clemente, piedoso,

²⁰ Ibid., p. 262.

caritativo, benfeitor, agradável, aprazível e afável. Tudo isso de maneira bem natural. O que pode ser confirmado pelo tratamento de seus pares que o tem em estima. Os Karamázov são uma obra complexa com enredo forte de segmentações diversas e variedade de personagens com alto grau de relevância. Assim sendo, pode-se concluir que o personagem se destaca como um astro reluzente em torno de inúmeros outros componentes por conta das qualidades que lhe foram entregues.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Discurso do Papa na ocasião da audiência geral de 15 de Fevereiro de 2006*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060215.html

ACUTIS, Carlo. *12 frases que inspiram a missão da PASCOM*. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/12-frases-de-carlo-acutis-que-inspiram-a-missao-da-pascom/>

DE LOIOLA, INACIO. *Exercícios Espirituais*. Tradução do autografo espanhol. 3ª Edição Livraria A.I. – Braga. Lisboa 1999.

DISCERNIMENTO. *Etimologia e conceito*. Disponível no site: <https://etimologia.com.br/discernimento-discernir/>

DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Abril, 1971.

FRANCISCO. *Discurso do Papa em uma das meditações matutinas proferidas na santa missa celebrada na capela da "Domus Sanctae Marthae", em 31 de Maio de 2013*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20130602_meditazioni-9.html